

## ***CHALK THE BLOCK: ANIMAÇÃO CULTURAL COMO PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA PAISAGEM COTIDIANA***

Prof. Dr. João Porto

Professor do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo / Tutor do Programa de Educação Tutorial – PET Conexões Licenciaturas

Rosely Kumm

Graduanda em Artes Visuais

Universidade Federal do Espírito Santo

### **RESUMO.**

Mais do que ocupar um espaço no currículo da Educação Básica brasileira, a disciplina de Artes também promove encontros com a Educação e a Cultura Popular. Sua relevância no sistema educativo centra-se no desenvolvimento de diversas dimensões de formação nos sujeitos por meio de sua produção artística, reflexão-contextualização e fruição, permitindo assim, o desenvolvimento do pensamento crítico, da emancipação do olhar, da sensibilidade e a criatividade dos mesmos, além de contribuir para preservar valores transmitidos pelas culturas locais. Desse modo, a experiência aqui apresentada, traz premissas sobre o Professor de Artes como mediador, contribuindo, por meio da animação sociocultural – que atravessa as paredes da escola e vai de encontro ao cotidiano dos sujeitos – na potencialização de uma leitura de imagens e do mundo por meio das expressões com cores e

formas resultantes de una intervención propuestas a estudiantes de una escuela de Ensino Médio e sua relação entre cultura e sociedade. Apresenta-se, aqui, sendo um fenômeno urbano que tem despertado o interesse acadêmico nos últimos anos, a Arte de Rua, por sua natureza espontânea que compõe, como um elemento a mais, a paisagem contemporânea e sua narrativa poética-social. Para tanto, esse relato faz parte de uma pesquisa desenvolvida durante a orientação de Estágio Docente no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, como projeto que visou provocar a percepção dos estudantes sobre a influência da Arte Contemporânea no espaço experimental cotidiano, por meio da proposta educativa “Chalk the Block: animação cultural como intervenção no espaço cotidiano”. Trata também de uma animação sociocultural onde estudantes puderam experimentar, usando a materialidade do próprio ambiente como suporte para criação que busca destacar a relação entre a efemeridade da Arte de Rua e os espaços cotidianos, promovendo a experiência estética de produções artísticas que fogem das práticas tradicionais realizadas à base de papel e lápis de cor. Considerando as características locais, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas, a proposta buscou destacar também aos estudantes e à comunidade local sua própria capacidade de intervir e contribuir no espaço cultural-urbano cotidiano.

## **PALAVRAS-CHAVE.**

Chalk the Block; Animação Cultural; Arte: Educação, Intervenção, Mediação Pedagógica

## **RESUMEN.**

Más que ocupar un espacio en el currículo de la Educación Básica brasileña, la disciplina Artes también promueve encuentros con la Educación y la Cultura Popular. Su relevancia en el sistema educativo se centra en el desarrollo de diferentes dimensiones de formación en los sujetos a través de su producción artística, reflexión-contextualización y disfrute, permitiendo así el desarrollo del pensamiento crítico, la emancipación de la mirada, la sensibilidad y la creatividad de los propios individuos. además de contribuir a preservar los valores transmitidos por las culturas locales. Así, la experiencia aquí presentada trae premisas sobre el Profesor de Artes como mediador, contribuyendo, a través de la animación sociocultural – que traspasa los muros de la escuela y se encuentra con el

cotidiano de los sujetos – en potenciar la lectura de las imágenes y del mundo a través de expresiones con colores y formas resultantes de una intervención propuesta a estudiantes de una escuela secundaria y su relación entre cultura y sociedad. El Street Art se presenta aquí como un fenómeno urbano que ha despertado el interés académico en los últimos años, por su carácter espontáneo que conforma, como elemento adicional, el paisaje contemporáneo y su narrativa poético-social. Para ello, este informe forma parte de una investigación desarrollada durante la orientación de la Práctica Docente en la Licenciatura en Artes Visuales, como un proyecto que tuvo como objetivo provocar en los estudiantes la percepción sobre la influencia del Arte Contemporáneo en el espacio experimental cotidiano, a través de la propuesta educativa “Chalk the Block: animación cultural como intervención en el espacio cotidiano”. También es una animación cultural donde los estudiantes pudieron experimentar, utilizando la materialidad del propio entorno como soporte para la creación y buscó resaltar la relación entre lo efímero del Street Art y los espacios cotidianos, promoviendo la experiencia estética de producciones artísticas que se desvían. a partir de prácticas tradicionales, realizadas con papel y lápices de colores. Considerando las características locales, con respecto a la diversidad de conocimientos, identidades y culturas, la propuesta aquí presentada también buscó resaltar ante los estudiantes y la comunidad local su propia capacidad de intervenir y contribuir en el espacio cultural-urbano cotidiano.

## **PALABRAS CLAVE.**

Chalk the Block; Entretenimiento cultural; Arte: Educación, Intervención, Mediación.

## 1. APRESENTAÇÃO

Para o geógrafo brasileiro Milton Santos (1991), a paisagem “é tudo aquilo que a vista alcança, não apenas as formas, mas também as cores, odores e sons proporcionados pela experiência de vivenciá-la” (Santos, p. 61). Logo, sendo ela “tudo que a vista alcança” a paisagem também pode ser compreendida como uma representação obtida a partir da impressão que seus habitantes têm ao percorrê-la todos os dias. Sua imagem é o resultado da relação entre o homem e seu entorno, da experiência individual ou coletiva de habitar o espaço; sendo projetada e construída refletindo uma cultura predominante que se encontra presente nas edificações, nas praças e no conjunto de cores que pairam sobre suas ruas. Outro pesquisador relevante para este estudo é o espanhol, Javier Maderuelo (2016), que busca evidenciar que a existência da palavra “paisagem”, resulta da necessidade de expressar, mesmo que de maneira sintetizada, as diversas percepções e sentimentos subjetivos despertados no ser humano enquanto ele se depara contemplando a natureza; para o autor:

“(…) el paisaje no es una cosa, no es un objeto ni un conjunto de objetos configurados por la naturaleza o transformados por la acción humana. El paisaje tampoco es la naturaleza ni siquiera el medio físico que nos rodea o sobre el que nos situamos. El paisaje es un constructo, una elaboración mental que los hombres realizamos a través de los fenómenos de la cultura. (Maderuelo, p. 17).”

Pela ótica artística, a paisagem pode ser estudada a partir da percepção visual do espaço cotidiano, acentuando sua subjetividade, conforme a interpretação pessoal do artista e sua leitura do mundo. Assim, os estudos sobre Paisagem, nas variadas técnicas de criação de imagens (na pintura, no desenho, como mais recentemente na fotografia e no filme ou vídeo), são uma representação categórica das percepções pessoais do ambiente a sua volta, aproximando a arte do universo cotidiano e da animação cultural. No entanto, nos anos mais recentes, muitos artistas têm desenvolvido propostas que não apenas representam o ambiente cotidiano, como também interagem nesse espaço definido tipologias de intervenção artística desenvolvidas diretamente no exterior, interferindo com o campo visível da cidade, como é o exemplo a chamada “*Street Art*”. Da mesma forma, diversas práticas

artísticas também têm sido chamadas para o interior de galerias e espaços acadêmicos, provocando um efeito inverso cujas intervenções realizadas no tecido urbano, têm expandindo o termo “paisagem” para “paisagem urbana”.

Nesse contexto, a Arte de Rua é um fenômeno artístico urbano, caracterizada por sua natureza efêmera, compondo um elemento a mais na paisagem contemporânea com sua própria narrativa poética. Dentre as manifestações artísticas urbanas – produzidas usando da materialidade dos ambientes como suporte de criação – estão a pintura mural, o grafite, o lambe-lambe, a pintura com estêncil, entre outras. Porém, o presente artigo, destaca a técnica espontânea e informal do que se tornou um evento de arte urbana na cidade de El Paso, no estado do Texas, nos Estados Unidos da América, conhecido por *Chalk the Block*.

Por sua característica despojada e instintiva, o *Chalk the Block* é uma forma de Arte de Rua que adiciona camadas efêmeras de subjetividades, ativando a paisagem urbana enquanto a imagem existir. Durante o evento, sua arte se estende não apenas pelas calçadas, mas postes, placas e chafarizes da Praça San Jacinto, em El Paso, Texas/EUA. Essa nova narrativa produz um instante poético que convida o observador à reflexão. Porém, assim como os demais conteúdos de consumo visual imediato, o giz possui vida breve e se desfaz com a primeira chuva do deserto. Diante disso, trazemos o relato das experiências em campo, realizadas durante a prática docente no Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório, disciplina do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo. Porém, esta proposta que teve início num ambiente de educação formal, também pode se estender para o exterior, transbordando as práticas educacionais para além dos muros da escola, rumo ao público e a uma prática da Animação Sociocultural, criando espaços mais amplos do que o espaço escolar. Conforme o autor Fernando Ilídio Ferreira (2011), essa proposta pode promover “espaços de redes” que levam práticas educacionais aos espaços públicos, onde toda comunidade pode contribuir numa perspectiva de animação cultural. Para o autor (Ferreira, 2011),

“...um novo espaço público da educação, isto é, um espaço mais amplo que o espaço escolar; um espaço de redes, instituições, contextos educativos e profissionais diversos, entre os quais se inserem a animação e os animadores socioculturais (p. 132).”

Inicialmente, o conceito de Animação Cultural, no Brasil, assume desde funções de recreação e lazer, interação e adaptação até ensino e aprendizagem, envolvendo profissionais de várias áreas e voluntários. Ademais, o conceito de Animação Cultural atualmente se tornou uma esfera híbrida de contextos, modalidades e públicos de variados campos de atuação, desde o educativo ao social e do cultural ao artístico (Ferreira, 2011). Para Idañez, Caride Gomez e Viché Gonzalez (2022) a animação sociocultural

“parte de uma metodologia educativa basada em la autogestión grupal, la participación activa y la comunicación entre los componentes del grupo” (p. 65).

Assim, torna-se relevante destacar o projeto “*Chalk the Block: animação cultural como intervenção no espaço cotidiano*”, como uma proposta catalisadora que pode se ampliar para além do espaço da educação formal, reconhecendo como a Arte Contemporânea - nesse caso o desenho com giz aplicado diretamente na materialidade do ambiente - pode contribuir para a percepção da paisagem cotidiana, promovendo Animação Cultural. Importa destacar que as práticas de Animação Cultural são muito difundidas na Espanha e em Portugal compondo um campo que denomina-se Animação Sociocultural. Nesse contexto Viche González (2007) já apontava a relação entre a Animação sociocultural e a educação, quando escreveu que:

La animación sociocultural se estructura como prácticas educativa em torno de tres ejes fundamentales:  
- El primer eje constituye el educativo, em este sentido hemos de considerar las acciones encaminadas al desarrollo personal, la toma de consciência, la ideación y el desarrollo cognitivo. – El segundo eje lo constituye la cultura, tomando em consideración las acciones encaminadas al desarrollo de las identidades individuales y colectivas, [...]El tercer eje lo constituye la **estructuración de la vida comunitaria**,[...] (p.25)

Portanto o contexto da educação escolar também é **um espaço de animação sociocultural** no qual se dinamizam não só os conceitos sobre o **processo didático-pedagógico** mas principalmente o desenvolvimento que ocorre em cada sujeito que traz **sua cultura para compartilhar** aprender com

a cultura dos demais, assim se identifica a cultura comunitária, onde todos se respeitam e se constroem humanizados.

## 1.1 Outras Materialidades

Ao observar que as aulas de desenho ministradas na disciplina de Arte pelo professor/supervisor de estágio, numa escola de Ensino Fundamental e Médio de uma pequena cidade no interior do estado do Espírito Santo, no Brasil, usava como suporte apenas o papel – material disponibilizado pela escola – e outros materiais como lápis, canetas e guache, foi possível perceber que essa prática, não coincide totalmente ou, em sua maior parte, com um currículo para o Ensino da Arte no Ensino Médio segundo a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que traz como dimensões a criação, a crítica, a estesia, a expressão, a fruição e a reflexão com base nas materialidades. Logo, explorar essas materialidades, mesmo com o que era disponibilizado pelo Governo, carecia de uma nova perspectiva sobre técnicas e suportes para a produção artística dos estudantes com o intuito de potencializar sua experiência estética, onde também se posiciona sua aprendizagem da arte.

Diante dessa constatação, nos ocorreu propor um exercício que subvertesse a cultura do desenho no papel ofício, ampliando a perspectiva artística dos estudantes, talvez provocando um desejo e interesse pelas aulas de arte, não que as práticas com o uso do lápis de cor não sejam interessantes, porém, os mesmos, não precisam ser vistos como único recurso de produção artística dentro ou fora da escola. Assim, ao pesquisar (Martins, 2010) muitas propostas que a Arte Contemporânea busca explorar, analisar e evidenciar, quase sempre nos deparamos com um sentimento de transcendência diante das possibilidades expressivas apresentadas. Surgiu, então, a proposta de organizar uma sequência didática para uma intervenção artística – inspirada no *Chalk the Block* – que fizesse uso do desenho, linguagem proposta pelo professor/supervisor, porém experimentando com outras materialidades, suportes e dimensões.

Em vista da multiplicidade criativa apresentada pela Arte Contemporânea na atualidade, cujo, muitas delas, estão presentes na rua e convivem com a rotina diária do público, torna-se inconsistente não as explorar como elementos catalisadores, que inspiram novos olhares sobre as propostas, em sala de

aula, para o aprendizado da arte. Mais do que ensinar arte, o professor é um mediador que promove a leitura de imagens e do mundo por meio das cores e formas, dos sons e dos movimentos gestuais. Como destaca a autora brasileira Mirian Celeste Martins (2018), o Professor de Artes é um pesquisador que, constantemente, busca se alimentar de arte, poesias, fragmentos de filmes, ações poéticas, imagens da Cultura Popular, trabalhos de crianças ou jovens, nutrindo olhares, percepções, pensamentos. Nesse sentido, por que os profissionais de arte educação ainda se limitam a apenas um recurso pedagógico e ao espaço, formal, escolarizado?

Quando o Professor de Artes se limita ao que impõe como recursos materiais, o Sistema Educacional, da mesma forma, também limita o estudante a pensar e produzir dentro de um determinado espaço, sendo na sala de aula, ou mesmo dentro dos limites do papel. Ao se referir a Animação Cultural, se limitar apenas ao espaço escolar é deixar de contemplar uma grande parcela da população que pode promover e ampliar a arte e a cultura local. Logo, pensar propostas de Ensino da Arte para ambientes educacionais e comunitários, podem impulsionar a investigação das percepções em relação à paisagem cotidiana, evidenciando sua participação como cidadãos críticos e emancipados, atuantes nesse meio. Segundo a autora brasileira Rosa Iavelberg (2019):

“Trazer conteúdos de arte do ambiente de origem e do cotidiano dos estudantes para a sala de aula é uma boa e motivadora escolha curricular. Essa prática valoriza o universo cultural do grupo, dos subgrupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas e cria em cada um o sentimento de orgulho da própria cultura de origem e de respeito à dos outros, o que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não preconceituosa com a diversidade das culturas (p.12)”.

Assim, a aplicação de uma proposta que apresente novos suportes e amplie a aprendizagem de estudantes do Ensino Médio sobre a Arte Contemporânea, provocando neles o reconhecimento de suas produções fora dos muros da escola, talvez despertem seu reconhecimento – desses registros imagéticos, produzidos pela sociedade contemporânea –, contribuindo com sua própria aprendizagem



sobre a história e cultura humanas, bem como ampliando seu repertório para uma leitura crítica e sensível do mundo.

Diante disso, o principal objetivo desta proposta foi o de estabelecer conexões entre a Arte Contemporânea, a animação cultural, os espaços cotidianos e a produção dos estudantes na Educação Básica, com ênfase no Ensino Médio e descrevê-las como um relato de uma experiência de animação cultural. Logo, a partir do direcionamento de uma sequência didática de três encontros que contemplassem o ensino da paisagem contemporânea e a produção artística dos estudantes, esta proposta também previa promover experiências estéticas que provocam novas perspectivas para o olhar criativo em relação à disponibilidade do currículo para o Ensino da Arte nas escolas e demais ambientes comunitários.

Destarte, é importante destacar que um relato de experiência não é, necessariamente, um relato de pesquisa acadêmica, mas considera a produção de conhecimento a partir da experiência vivida dos sujeitos (Ludke & Cruz, 2010), eles são parte essencial nas Ciências Humanas. Esse artigo se constitui, então, num relato de experiência, com uma abordagem qualitativa (Prodanov & Freitas, 2013) onde as questões estudadas têm no ambiente sua principal fonte de dados sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. Com um objetivo explicativo (Prodanov & Freitas, 2013) e o procedimento de um estudo de caso – com um fenômeno e um grupo específico – a análise dos dados se deu a partir da experiência da escolha de uma turma de terceiro ano do Ensino Médio, em uma cidade do interior do Estado do Espírito Santo, e da apresentação, sob a orientação do professor de estágio<sup>1</sup>, de uma sequência didática composta por três aulas das quais a primeira abordava o tema intervenções no espaço com produção de desenho sobre fotografias; a segunda com uma aula expositiva e a terceira com uma produção de desenhos com tema escolhido por cada estudante, tendo como suporte a calçada e o giz de quadro colorido como material coligando à prática escolar a um projeto com vistas numa Educação Social não escolarizada com uma metodologia de Animação

---

<sup>1</sup> Orientador de Estágio é o professor da disciplina na Universidade, ele encaminha os licenciandos às práticas de Ensino da Arte nas Escolas e em Espaços não escolarizados. O Supervisor de Estágio é o professor que recebe esses licenciandos em suas escolas e nas práticas de Educação Social em outros espaços não escolarizados.

Cultural. A avaliação foi feita entre os pares, de modo subjetivo, com uma escuta de suas narrativas sobre a experiência vivenciadas pelos estudantes na escola e “passantes” pela intervenção.

## **2. CHALK THE BLOCK: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA.**

Inicialmente, a temática do projeto foi apresentada a partir de uma reflexão sobre o trajeto do estudante de casa até a escola e do espaço escolar até em casa – embora, aparentemente um percurso semelhante, essa percepção pode ser alterada em função de algum fato novo evidenciado na escola e que pode afetar os modos de perceber o entorno, o ambiente - ou seja, quais suas percepções em relação ao percurso cotidiano que envolve o espaço escolar. Pois, citando novamente Maderuelo (2016), a paisagem é um emaranhado de diversas variáveis sensíveis, psicológicas e afetivas, elaboradas na mente humana, por meio da experiência contemplativa vivenciada no espaço. Nesse sentido, as impressões captadas pelos estudantes, no percurso até a escola, podem construir uma imagem particular da paisagem cotidiana.

Ademais, outro pesquisador relevante nesse estudo é o americano Yi-Fu Tuan. Ele acrescenta que de acordo com o tempo e ambiente específico, o ser humano desenvolve relações afetivas com os espaços vivenciados (Tuan, 1983). Dessa forma, o espaço experimental que corresponde ao percurso da escola pode despertar afetividade aos estudantes, o que contribui em sua aprendizagem, tanto do currículo escolar, quanto das culturas locais. Diante do pensamento, de ambos autores, a proposta de sequência didática foi direcionada com intuito de evidenciar que as impressões sobre a paisagem, captadas no percurso cotidiano, formam um conjunto complexo de variáveis sensíveis que despertam o interesse e afetividade no observador, sendo para o artista, tanto fonte de inspiração, quanto suporte de criação artística, pois, ao desenvolver uma produção artística que se inspira na busca por evidenciar qualquer aspecto da paisagem cotidiana, o estudante também coleta os dados perceptivos do ambiente na qual está inserido para criar seu objeto cultural.

Em seguida, como proposta de leitura visual e contextualização da temática supracitada, foram apresentadas propostas artísticas que representam a percepção de diversos artistas sobre a paisagem cotidiana, seguindo a linha cronológica da história da arte. A exemplo disso, foi-lhes apresentada a

obra “Ventania” (1915) (Figura 1) da artista brasileira Anita Malfatti (1889-1964), que fez parte do movimento da Arte Modernista no Brasil. Em sua obra é possível observar que a artista captou com pinceladas vigorosas a cor e o movimento da paisagem, evidenciando a sensação do vento e da atmosfera enquanto observava o ambiente.



**Figura 1:** Anita Malfatti - “Ventania” - 1915; Teatro Municipal de São Paulo. (Fonte: [http://www.acervo.sp.gov.br/GalleryMM/zoom\\_1034.html](http://www.acervo.sp.gov.br/GalleryMM/zoom_1034.html)).

Além disso, também foram apresentadas propostas de artistas contemporâneos realizadas diretamente na paisagem cotidiana, como por exemplo as intervenções realizadas pelo artista francês Guillaume Legros, que compõem o audacioso projeto intitulado “Além das Paredes” (2023) (Figuras 2 e 3), que pretende unir cidades de todos os continentes, na maior corrente de mãos dadas do mundo. Assim como também, as criações do capixaba Alexandre Altoé (Figuras 4 e 5), realizadas em formações rochosas da região Sul do estado Espírito Santo.



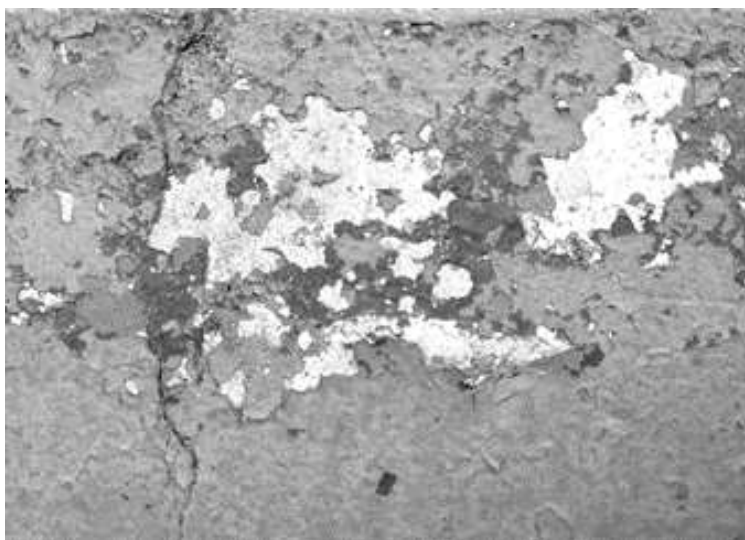
**Figura 2 e 3:** Mãos entrelaçadas, Morro do Zinco, em Minas Gerais e a Praia de Copacabana (Rio de Janeiro). Fonte: <https://vejario.abril.com.br/cidade/megapintura-copacabana-saype-beyond-walls>.



**Figuras 4 e 5:** Lagarto, 2020 - Rota do Lagarto, Pedra Azul - Domingos Martins – ES / Brasil. (Fonte: acervo dos autores).

Também foram apresentadas obras do estadunidense David Zinn, que realiza singelas intervenções a partir de pequenas imperfeições na arquitetura urbana como rachaduras, fissuras e manchas nas calçadas, muros e jardins. Esse último, ao percorrer seu caminho diário, encontra pequenas “falhas” que produzem novas formas no ambiente que o motivam a criar formas de animais. Segundo o mesmo, suas pequenas ilustrações são uma tentativa de dar ao mundo e seus habitantes uma perspectiva mais alegre para o caminhar da rotina diária.

Inspirada no trabalho de David Zinn, a primeira prática realizada com os estudantes foram intervenções, usando lápis de cor, canetas ou outro material gráfico, em fotografias de diferentes espaços fotografados da escola. Essa prática tinha como objetivo instigar o olhar dos observadores (estudantes) para com a materialidade do espaço escolar, fora das salas de aula, que ao ser olhado novamente, pela ótica artística, se liberta de sua aparente utilidade e cria novas impressões. Assim, a partir do aspecto descascado de uma tinta envelhecida na parede, deixa de ser parede para ser uma pintura.

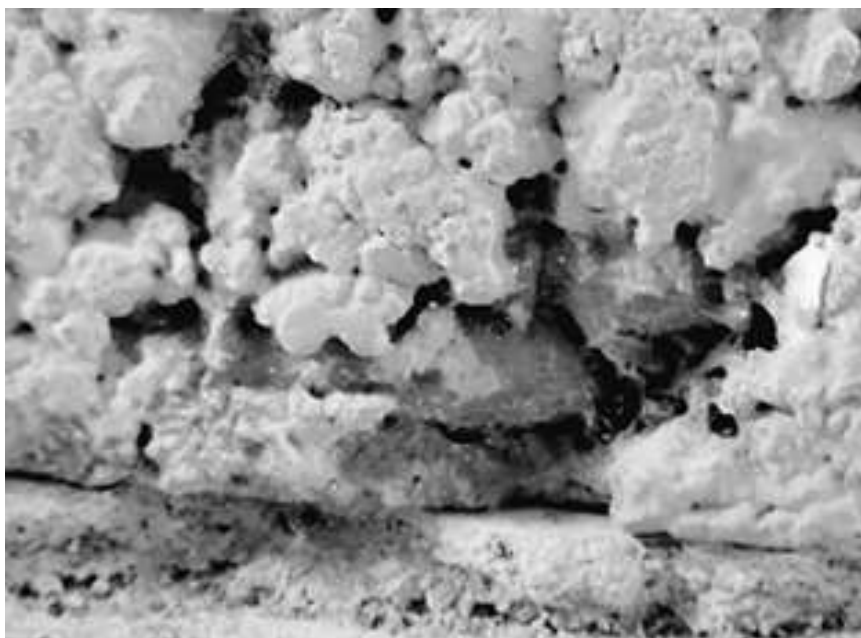




**Figuras 6 e 7:** Imagem fotográfica original / produção-intervenção de um estudante. (Fonte: acervo dos autores).

Num outro momento, as produções dos estudantes foram projetadas na aula com intuito de coletar impressões e provocar narrativas autoavaliativas sobre a experiência. Dessas reflexões surgiram diversos comentários, um deles foi:

*- “A princípio, fiquei confusa com o que estava vendo, tentando reconhecer onde a fotografia foi captada. Porém, depois de um tempo observando, comecei a perceber as formas e texturas da imagem e enxerguei nuvens. Depois que destaquei as nuvens e pintei o azul do céu, quis acrescentar a casa sendo levada por balões, igual a um filme que assisti.”*



**Figura 8 e 9:** Imagem criada pela estudante do 3º ano. (Fonte: acervo dos autores)

Por fim, a prática mais esperada, tanto pela experiência, quanto pelo resultado, foi a intervenção *Chalk the Block* usando giz de quadro e uma calçada da escola como suporte de criação. A turma foi dividida em grupos de três integrantes formando oito grupos no total. Cada grupo estava livre para criar uma composição que viesse a ser sua obra. Apesar da temática ser escolha dos estudantes, muitos trabalhos executados foram réplicas e releituras de personagens de animação ou símbolos representando times de futebol brasileiros, porém algumas produções foram autorais, obras inéditas que buscaram expressar individualidade e narrativa poética.







**Figuras 10, 11, 12 e 13:** Estudantes desenhando usando giz de quadro na calçada da escola. (Fonte: acervo dos autores).

O local determinado para realização das obras (a calçada lateral da quadra esportiva da escola), foi escolhido devido a característica rústica de sua superfície, além de ser o ambiente de maior circulação de estudantes, pais, visitantes e demais funcionários da escola. Dessa maneira, as obras podiam ser apreciadas por seus criadores e demais passantes, durante sua criação e aos poucos, conforme seu gradual desaparecimento, destacando a beleza da efemeridade de todas as coisas. O material (giz de quadro), também contribuiu para destacar o caráter transitório da obra, além disso, sua utilização foi quase um gesto apropriativo, pois um material, tradicionalmente de uso exclusivo do professor, foi deslocado e subvertido como um material de criação artística, de uma prática da Animação Cultural, evidenciando as infinitas possibilidades que a arte – e o que se oferta na escola como recursos materiais – pode apresentar no ambiente escolar e fora deles, dentro de uma perspectiva cultural.



**Figuras 14, 15 e 16:** Estudantes desenhando e interagindo com o trabalho dos colegas. (Fonte: acervo dos autores)



**Figura 17:** Estudantes experimentando com giz (Fonte: acervo dos autores).

A proposta da animação foi planejada para acontecer durante o período de cinquenta minutos, mas, apesar de parecer pouco tempo, foi suficiente para os grupos se organizarem, escolherem uma parte da calçada para trabalhar, distribuir o material e desenhar. Como foi mencionado anteriormente, a turma foi dividida em grupos de três integrantes, a princípio, cada grupo já havia desenvolvido um pequeno projeto para exercitar naquele dia, no entanto, a prática de desenhar no chão com giz, despertou tamanho interesse em experimentar, que cada estudante acabou contribuindo com algum elemento e cada trabalho se tornou uma composição com mais de um elemento. Quando consideraram finalizada a produção, os estudantes, por si mesmos, caminharam entre os trabalhos para contemplar sua própria obra, junto à dos demais e assim o todo, constatando que haviam desenvolvido uma grande composição coletiva, um “tapete” de obras que acompanharia os passantes durante aquele dia e enquanto durasse seus resquícios. Essa experiência contemplativa acabou por se tornar uma proposta de avaliação metacognitiva e gerou comentários como:

- *“Acordei pensando que hoje iríamos desenhar no chão da escola.”*
- *“Descobri que prefiro desenhar em maiores proporções, o papel ofício é muito pequeno.”*
- *“Gostaria de ter tido mais aulas de arte assim.”*
- *“Se tivéssemos mais aulas diferentes como esta, eu teria gostado mais da disciplina de artes.”*
- *“Gostei muito da experiência de desenhar com giz.”*
- *“Pena que é só uma aula.”*

A expectativa no *“acordei pensando”* remete a um auto entendimento de como outras práticas marcam positivamente a experiência dos sujeitos com a aprendizagem. A descoberta de suas preferências por uma produção em *“maiores proporções”* vai para além do espaço físico, mas atua diretamente no desejo de exprimir-se, do opinar imageticamente fora da contenção secular de uma folha de papel. *“Gostaria de ter mais aulas assim”* e o *“se tivéssemos mais aulas diferentes como esta...”* corroboram com a propriedade crítica e discursiva dos estudantes sobre o próprio sistema de ensino, sobre o currículo e a curricularização dos saberes, sobre a didática estanque enraizada numa pedagogia ultratradicional, trazendo uma ideia, nos próprios sujeitos, de uma infinidade de possibilidades produtivas e de aprendizagem para além dos espaços e práticas, hoje, comuns à escola. Daí um apreço pela aprendizagem, pela expressão e pela integração dos espaços escolarizados com o meio e seu currículo social resultam no requerimento dos saberes culturais nas práticas de animação cultural que nos interpela e responde que a experiência dos sujeitos, em sua aprendizagem escolar, que é social, que suas culturas e subjetividades, tudo isso, reverbera em sua emancipação e aprendizagem, *“pena que é só uma aula”*.

Esse momento de reflexão e auto avaliação foi desenvolvida para concluir a prática do dia e a própria sequência didática proposta. Seguidamente, como já era esperado, foi o intervalo entre as aulas e, uma parcela da comunidade escolar, teve a oportunidade de passar por ali e contemplar a produção cultural dos estudantes. Durante esse mesmo intervalo, estudantes de outras turmas, funcionários da escola e demais professores circularam pela calçada onde as obras tinham sido *“libertadas”* do papel e, dentre

as diversas reações de encantamento e cuidado dos passantes, destacamos aqui também as reações adversas que despertaram intensos sentimentos de apreço, de respeito, mas também de pequenos desgostos e descontentamentos causados, por exemplo, pelas imagens representando times de futebol. Isso propiciou uma abertura de diálogo e mediação sobre várias outras temáticas, trazendo os próprios estudantes aos motes emancipatórios de leitura de mundo e leitura de imagem, bem como uma horizontalização da aprendizagem social a partir das premissas do diálogo e da aprendizagem coletiva, do respeito às posições políticas e sociais diferentes e diversas, uma demonstração convicta – fator a ser considerado na animação cultural – de que os seres humanos aprendem na dialogicidade, que se produzem ao produzirem.



**Figura 18:** Estudante desenhando homenagens ao seu time de futebol. (Fonte: acervo dos autores)



**Figura 19:** Desenhos parcialmente apagados após o intervalo. (Fonte: acervo dos autores).

Diante disso, torna-se relevante salientar a grande influência que as imagens, na Cultura Visual, exercem sobre a sociedade como um todo. Para tanto, novamente citamos o autor brasileiro Raimundo Martins (2010) cuja pesquisa sobre a massiva imersão da sociedade contemporânea num universo da Cultura Visual, destaca a relevância das imagens, que passaram a se projetar como foco de discussão intelectual e reflexão teórica, pois perante um mundo inundado por imagens, a humanidade olha, mas não compreende o que vê, exceto por um referente, um elemento na imagem que direciona o olhar do observador para o entendimento do contexto. Porém, apesar do referente, as imagens constantemente são montadas com intuito de induzir a percepção, influenciando a opinião pública. Sendo assim, por vezes quando o observador não conhece o referente, ele facilmente pode ser enganado por aquilo que ele pensa que está vendo. Portanto sem uma reflexão crítica, cujas devidas informações sobre o contexto em que observa sejam analisadas, o indivíduo é levemente direcionado a pensar e agir conforme qualquer discurso latente. Segundo Martins,

“A velocidade e o volume de imagens que nos sitiam e interpelam cotidianamente constituem uma espécie de avalanche que nos arrasta, desnorteia e fragmenta sem que tenhamos tempo para refletir, analisar ou fazer algum tipo de crítica sobre elas (Martins, p. 21).”

Diante deste contexto, é inegável a necessidade de promover projetos pedagógicos cujas práticas ofereçam atividades que estimulem a reflexão e o pensamento crítico sobre essa “avalanche” de conteúdo visual presente na cultura contemporânea, e isso poderia partir tanto dos Professores de Arte, quanto dos Animadores Culturais, para que práticas assim sejam desenvolvidas nos ambientes escolares e na comunidade. Segundo a autora brasileira Ana Mae Barbosa em sua obra “A imagem no ensino da arte” (2009), arte na educação não é um mero exercício escolar, mas sim uma disciplina que faz parte do Currículo da Educação Básica, capaz de promover reflexões críticas sobre os diversos conteúdos visuais disponíveis na cultura contemporânea. Em seus estudos a autora da mesma forma destaca a necessidade incentivar práticas de ensino que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, explorando a sensibilidade e a criatividade, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e cidadão atuante na sociedade.

“Não se alfabetiza fazendo apenas a criança juntar as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar ao mundo da leitura verbal (Barbosa, pp. 27-28).”

Outra questão relevante e que inspirou nossa intenção para expandir esta proposta para além dos muros da escola, tornando-a uma proposta de animação cultural, foram às reações do público passante apresentando uma vontade de também participar, enquanto contemplavam o desenvolvimento e a obra concluída.



**Figura 20:** Estudantes desenhando com giz. (Fonte: acervo dos autores).

Diante desta reflexão, é interessante destacar o quanto é tocante levar uma pesquisa desenvolvida na universidade para o ambiente educacional e, também, para fora dos espaços escolarizados - os espaços comunitários - tornando palpáveis a mediação, a formação dos educadores escolares também como educadores sociais e animadores culturais. O ambiente cotidiano pode, assim, ser compartilhado por diversos estudantes todos os dias, da mesma maneira, essa pesquisa foi experienciada de forma que não pertence somente aos autores, mas a todos que a tornaram viva.

Conforme Milton Santos (1991), “*a paisagem é tudo que a vista alcança*”, sendo uma imagem mental construída a partir das impressões captadas cotidianamente. Portanto, pode ser considerada o resultado da relação entre o ser humano e seu entorno, da experiência individual ou coletiva de habitar o espaço. A partir do estudo, foi possível concluir que desenvolver uma sequência didática que explora o espaço escolar de forma poética, desencadeou uma série de entendimentos acerca das possibilidades criativas do ambiente, que neste caso, foi esteticamente apropriada como suporte, matéria e meio da intervenção artística.



O Ensino de Artes, na Escola ou em qualquer outro ambiente coletivo, possui relevância na Educação e na Animação Cultural, pois desbrava meios para contribuir com a formação cidadã em diversas dimensões, (Martins & Morais, 2010) voltando-se à produção, à reflexão-contextualização e à fruição, permitindo o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, explorando a sensibilidade e a criatividade, além de contribuir (Leite, 2005) para a formação de um sujeito cultural que preserva valores, perpetuando as diferentes formas expressivas de várias culturas. Isso reconduz o Professor de Artes à posição de mediador – educativo/cultural e animador sociocultural – num processo de aprendizagem da arte, sob as premissas de uma emancipação do olhar para uma leitura crítica de imagens/mundo recuperando um caminho curricular para as linguagens visuais na Educação.

Destarte, a proposta aqui relatada, a nós parece ter promovido reflexões pertinentes sobre diversas questões vigentes no cenário educacional e das Artes Visuais, dentre as quais (Martins & Morais, 2010) a importância da nutrição estética para desenvolver práticas variadas explorando, criativamente, muitas possibilidades de produção como fonte de aprendizagem, como base para novas perspectivas de avaliação em Artes na Escola, para a Animação Cultural sob uma premissa de uma Educação Social e, de fato, como um redirecionamento do olhar sobre as materialidades e subjetividades dos estudantes, encarceradas em alguns suportes tradicionais entre os muros da escola, trazendo-as para o cotidiano e para o mundo, em seu imenso espectro de possibilidades de linguagens artísticas, contribuintes para uma emancipação do olhar e dos próprios sujeitos.

### 3. REFERÊNCIAS

- Barbosa, A. M. (2009). *A Imagem no Ensino da Arte*. São Paulo, SP, Brasil: Editora Perspectiva.
- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, BR: Ministério da Educação - MEC.
- Ferreira, F. I. (Coord. Pereira J. D. L. & Lopes M. de S.). (2011). *A Intervenção Sociocultural e a Intervenção Educativa*. Em: *As Fronteiras para a Animação Sociocultural*. (pp.: 122-145). Universidade do Minho-CIED. Portugal: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Iavelberg, R. (2009). *Para gostar de aprender arte: Sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre, RS, Brasil: Editora Artmed.
- Leite, M. I. (Org. Leite M. I & Ostetto L. E.). (2005). *Museus de Arte: Espaços de educação e cultura*. *Museu, educação e cultura: Encontros de crianças e professores com a arte*. Campinas, SP: Editora Papirus.
- Lüdke, M. & Cruz, G. B. da. (2010). *Contribuições ao debate sobre a pesquisa do professor da educação básica*. (pp. 86 – 107). *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*.
- Maderuelo, J. (2006). *El paisaje: génesis de un concepto*. Madrid, Espanha: Editora Abada.
- Martins, M. C. & Morais, R. Q. (2018). *Nutrição estética: por uma didática poética na formação do professor*. Brasília, BR: XXVIII CONFAEB – Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil.
- Martins, R. (2010). Hipervisualização e territorialização: questões da Cultura Visual. *Educação e Linguagens*, v. 13, n. 22, p. 19-31. Recuperado de: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/79edefcb-c488-400e-a54a-5a86c11b042c>.
- Prodanov, C. C & Freitas, E. C. de, (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Editora Feevale.
- Santos, M. (1991). *Metamorfose do Espaço habitado*. São Paulo, SP: Editora Hucitec.
- Tuan, Yi-Fu. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, SP: Editora Difel.

Viche-Gonzales, M. (2007) *La Animación Cibercultural: La animación sociocultural em la sociedade del conocimiento*. Zaragoza:Libros Certeza.

Viche Gonzalez, Caride Gomez y Idañez. (2022). *Animación sociocultural: cultura, educación y comunidad*. In. NOVELLA A. y Alcantara, A. (coords). *Voces com essencia: para uma animación Sociocultural posicionada*. Barcelona: Octaedro.

**COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Porto, João; Kumm, Rosely (2024); Chalk the block: Animação Cultural como proposata de intervenção na paisagem cotidiana; En: <http://quadersanimacio.net> n° 39; Enero de 2024; ISSN: 1698-4404**